

Apoio à política austera, sem recessão

por Pedro Cafardo
de São Paulo

A atual administração da dívida externa ganhou aplausos da maioria dos empresários mais votados pelos seus pares em consulta promovida pela revista Balanço Anual, da Gazeta Mercantil. Oito dos dez primeiros colocados reuniram-se ontem em almoço no Hotel Maksoud Plaza, em São Paulo. Além do apoio à administração da dívida, os empresários concordaram em que, com ou sem renegociação, a economia brasileira terá de sofrer um ajustamento à nova realidade internacional.

A distribuição dos sacrifícios dentro da sociedade e o grau do ajustamento necessário, entretanto, segundo os empresários, não poderão ser unilateralmente definidos pelas autoridades que conduzem a política econômica. Cláudio Barcella, o quarto mais votado, disse que uma definição mais representativa somente poderá surgir a partir das eleições de 15 de novembro, quando as forças políticas, agora dispersas, se reaglutinarem.

NOTAS

Que nota dariam os principais líderes empresariais à política econômica posta em prática pelo governo?

Nenhum dos quatro empresários que responderam a esta pergunta foi muito rigoroso com o governo. Antônio Ermírio de Moraes, o líder mais votado, disse que a atual política econômica merece uma nota suficiente para ser aprovada, "embora não passe com brilhantismo".

Para o diretor do grupo Votorantim, a crise do petróleo resultou "numa brutal recessão mundial que atingiu o Brasil em cheio". Embora críticos, acrescentou Ermírio de Moraes, os empresários não podem ser injustos: "Não podemos ser injustos com o governo Geisel. Ninguém

mais do que eu criticou esse governo, mas, com o passivo que recebeu dos governos que o antecederam, seria difícil resolver satisfatoriamente os problemas da economia brasileira.

OLAVO SETUBAL

O banqueiro Olavo Setúbal preferiu dar uma nota não para a política econômica em geral mas para a aplicada na sua área restrita de atuação, a financeira. Nesse setor, segundo Setúbal, a política financeira externa do governo, implementada a partir de 1980, merece elogios, porque foi "eficiente e realista". A evidência maior do acerto dessa política seria o fato de o Brasil ter conseguido até agora resultados muito melhores do que países como México, Chile e Argentina.

A política financeira interna, porém, na opinião de Olavo Setúbal, "foi ruim", porque provocou desajustamentos que permitiram "taxas de juros altíssimas em alguns momentos e baixíssimas em outros". Além disso, a manutenção de enormes subsídios indica que "a política financeira interna não merece ser aprovada", disse Setúbal.

ABÍLIO DINIZ

"Posso dar notas que vão de dez a zero", afirmou o diretor-superintendente do grupo Pão de Açúcar, Abílio Diniz. Ele atribuiria nota dez, por exemplo, para a atual administração da dívida externa, que teria dado ao País uma credibilidade excelente no exterior.

De outra parte, Abílio Diniz daria zero para políticas abertamente recessivas na área interna, como a que foi aplicada no ano passado e poderá voltar a ser aplicada ainda com mais intensidade em 1983. "Tenho criticado o governo por ter promovido a recessão do tamanho que promoveu no ano passado. Fui um dos primeiros a alertar que estávamos em plena recessão em meados do ano passado e continuei a achar que a recessão não é saída para nossos problemas. Se estamos procurando ainda essa saída, vou continuar dizendo que estamos agindo errado. Claro que não podemos crescer como antes, mas recessão é uma coisa muito séria, porque quebra empresas e traz desemprego."

JORGE GERDAU

Como Diniz e Olavo Setúbal, Jorge Gerdau Johann Peter considerou que o governo está "administrando convenientemente a dívida externa" e, nesse ponto, mereceria nota máxima. A aplicação dos recursos internamente, entretanto, não teria sido a mais acertada, por privilegiar projetos de "custos altíssimo" e não produtivos.

Segundo Gerdau, o País vai ter de trabalhar muitos anos para absorver essa enorme massa de recursos mal aplicados.